

## A MORTE DA ESPOSA DO CHEFE DO ESTADO

CAUSOU o mais profundo pesar, em todo o País, o falecimento da Senhora Dona Berta Craveiro Lopes, Esposa do Senhor Presidente da República e a quem todos os portugueses, indistintamente, votavam o maior respeito e estima—sentimentos con-

## AS CLASSES DE GINÁSTICA DO CLUBE NÁUTICO DE VILA REAL DESLOCAM-SE A TAVIRA

A convite da comissão de festas da Banda de Tavira e com o patrocínio da Câmara Municipal, o Clube Náutico vai, em jornada de propaganda, realizar um sarau de ginástica, naquela simpática cidade, no próximo dia 27.

Estamos certos que os espectadores tavirenses não perderão o seu tempo. Ficarão mesmo surpreendidos—como nós ficamos quando do festival de 21 de Junho ao apreciarem a correção dos ginastas, a quase impecabilidade dos exercícios, a graciosidade dos movimentos ritmicos da classe de Senhoras e ao verificarem que tudo isto lhes é apresentado por perto de 80 jovens deste cantinho do nosso Algarve, longe daquelas facilidades que só na capital se conhece.

Fazemos votos para que esta apresentação em Tavira se revista do maior brilhantismo a aceitação, e que o povo da nossa vizinha cidade aceite e desenvolva a modalidade de forma a que possa retribuir num futuro próximo, a visita que os jovens atletas da nossa terra agora lhe fazem.

## PROBLEMAS CULTURAIS

# PARA QUANDO O NOVO MERCADO DE VILA NOVA DE CACELA?

VILA Nova de Caceia — antiga cidadela de Caceia, foi, por Decreto n.º 12.978 de 6 de Janeiro de 1927, elevada à categoria de Vila pelo seu ilustre filho, quando Ministro do Interior — o conhecido e sempre lembrado Dr. José Ribeiro Castanho.

Logo, portanto, a partir daquela data, a freguesia de Caceia —

### LUÍS SEBASTIAO PERES

única freguesia rural do concelho de Vila Real de Santo António — passaria a ter foros e honras de Vila. E, como tal, para ombrear com a categoria que a Lei lhe concedera, de reconhecer era, que no seu agregado populacional se introduzissem melhoramentos que a capacitasse e a fizessem progredir, contribuindo para um maior nível de vida dos seus habitantes, hoje, cujo número está na ordem dos 6.000; número este, superior a muitas Vilas do País que são sedes de concelho.

Nestes decorridos 31 anos, tantos são os que distam de 1927 à data, esta pobre terra tem sustentado titânica luta pela concretização de alguns dos muitos problemas que carecia, para se afirmar terra digna no Império Português, digna do Império Português.

Alguns já foram solucionados—

## CÂMARA MUNICIPAL DE SILVÉS

Foi autorizada a contrair, na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, um empréstimo 249.702500 a Câmara Municipal de Silvés, para reparação dos edifícios escolares do Estado, situados naquele Concelho.

quistados pela ilustre extinta, ao longo dos anos em que, ao lado do Chefe do Estado, soube cumprir uma missão exemplaríssima e do mais alto sentido patriótico.

Natural de Lisboa, onde nasceu a 15 de Novembro de 1889, era neto do coronel Bartolomeu Cesinando Ribeiro Artur, escritor e pintor de nomeada da sua época e de D. Maria Doroteia Costa Ribeiro Artur e filha do engenheiro civil Cesinando Ribeiro Artur, alto funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique e de D. Maria Clara Ribeiro Artur.

Em Lourenço Marques, onde vivia com os seus pais, conheceu o alferes de cavalaria e depois pi-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Se vocês conhecessem a M. da G. fariam os maiores esforços para se conservarem sérios dois minutos, ao menos. Parece que se costuma dizer de um qual-quer bom artista, quando se pretende valorizá-lo, que «ele só, vale o espectáculo». Tal qual a que sucede com a pessoa de quem estou falando. E não falando só dos seus «raciocínios» rapidamente desencavados, tão cheios de originalidade e de... tolices. Bem, eu penso que são tolices, mas ela diz que é o eu, não conhecer a vida que me faz falar. Andasse eu como ela anda pelos caminhos da Europa, do Mundo e veja quantas favas tem o sacco. E' certo que ela não

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

## A EXPANSÃO DAS PESCAS JAPONESAS NO MUNDO

INICIANDO uma actividade de que parece querer englobar todo o mundo, após a visita a Vila Real de Santo António de alguns representantes de uma das maiores sociedades de pesca nipónicas, constitui-se há pouco no Japão a sociedade Nippon Reizo, que pretende instalar em vários países, sucursais e fábricas para a manufactura do peixe pescado pelos seus magníficos barcos.

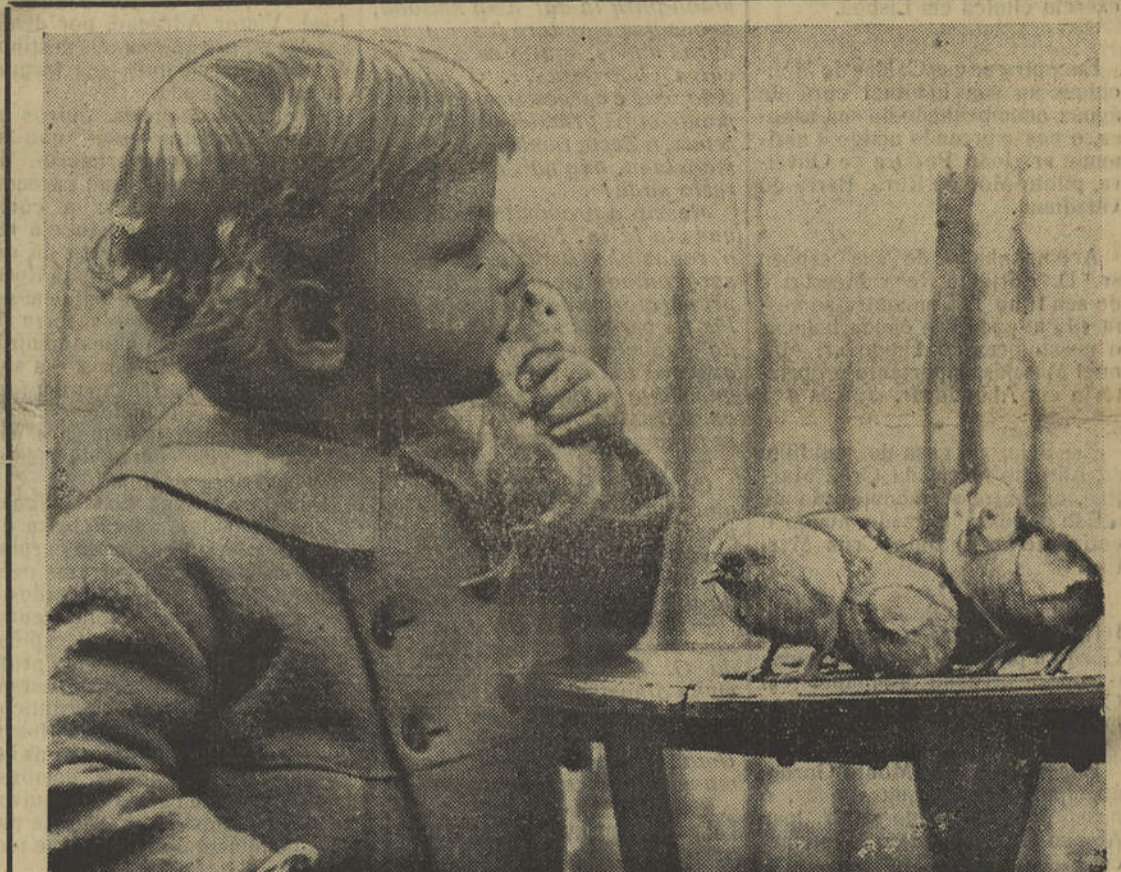
De tal modo a Nippon Reizo está a exercer a sua actividade, que os seus pes-

cadores estão a operar em todos os mares do Mundo, nomeadamente no Atlântico tropical o obtêm bases

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

## PROFESSOR DE NATAÇÃO EM MONTE GORDO

Convidado pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, encontra-se em Monte Gordo, um professor de Natação da Sport Algés e Dafundo, afim de ministrar ensinamentos de natação, a todos os banhistas que solicitem os seus serviços.



A legenda apropriada seria «A criança e os pintalhos», mas para além dela teríamos de analisar a expressão triste e indiferente e a doçura do beijo que a criança nos patentela. E como seria fácil obter um simples sorriso se os homens deixassem de lutar, de matar, e atirassem fora as suas ambições e egoísmos, e olhassem a grande lição de paz e serenidade que este poema de amor nos mostra!

## TEMAS CULTURAIS DOSTOIEVSKY E O OPTIMISMO

NÃO deve haver na história literária obra mais discutida e mais interpretada do que a do grande escritor russo. E, no entanto, é milagre que, depois de manuseados os seus livros com tanta frequência e passados tantos anos de convívio com eles, essa obra se conserve intacta, sem esses sinais de uso e de cansaço

que começam já a marcar a obra de escritores mais recentes. Que razão a preserva da acção corrosiva do tempo, a deixa sair indenne e sem falhas da angustiosa atitude crítica que leva os melhores espíritos ao desespero e ao

manente e de essencial, e porque os mesmos conflitos não vivem do que rodeiam o indivíduo e nele determina as atitudes periféricas e accidentais, mas do que o indivi-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

### POR DOMINGOS MONTEIRO

Grupos Folclóricos que representarão Portugal na I Olimpíada Europeia do Folclore, que se realizará em Lisboa, no próximo ano, o Juri escolheu, como representantes do Sul, o Grupo Folclórico de Alte (Loulé) e o Rancho Coral e Etnográfico da Casa do Povo de Serpa.

## GRUPO FOLCLÓRICO DE ALTE

## RESPIGOS

### Gente feliz

Varsóvia — Onze famílias polacas, que constituem uma pequena aldeia na floresta de Kosobudki, descobriram que a sua aldeia não estava assinalada no mapa, nem em qualquer documento oficial. Por este motivo não pagavam impostos, nem qualquer dos seus membros havia servido no Exército polaco. (Ani)

### Um achado original

Londres — Entre os 456.000 objectos abandonados por esquecimento pelo público nos comboios e autocarros de Londres durante o ano de 1957 figura uma perna artificial...

### Quando a TV val ao futebol...

Por ocasião dum recente encontro de futebol celebrado em Glasgow, entre o Rangers e o Milão, a transmissão do jogo pela Televisão fez baixar em 50 por cento a frequência dos cinemas. Segundo alguns cálculos, os exibidores terão sido prejudicados em cerca 125.000 libras (110 contos).

### Com 95 anos divorciou-se da 6.ª mulher, que tem 73, por esta não saber cozinhar...

Em Memphis, Tennessee, Robert Wilson conseguiu ganhar o processo de divórcio movido contra a sua sexta mulher, alegando que a maneira como ela cozinha lhe tem provocado «constantes indisposições gástricas, que poderiam afectá-lo, quando a velhice chegasse e já não possuisse o actual vigor físico»...

## A COR E O TAMANHO DO MEDO

1 Um dos progenitores do contentamento, do prazer e da satisfação vem a ser o medo, porque sem dúvida, se lhe deve a causa do que mais sensível ocorre neste Globo Terráqueo.

Factor de conquistas, de guerras, de rebeliões e de brigas, o

### POR JOSÉ ESTEVAM

medo sobrepõe-se a toda a qualidade de sentimentos que impelem a Humanidade a isto e aquilo.

Como tantas outras fatalidades, o medo não parece trazer na génese o que quer que seja de diabólico?

Houve tempo em que se apontava Satanás na figura de um gato preto, assombrosamente tão divulgado, que chegou ao ponto de a Latino Coelho se arrepiarem os cabelos se à entrada da porta da rua, topava com esse mundificativo bicho.

A verdade é que se embarca no Mundo envolto na faixa do receio, que assume maior proporções à medida que o menino se torna taludo.

Na opinião da Tia Angélica, o

Zéquinhas não passa no exame por estar sempre cheio de sustos, o que a Comadre Isabel contradiz por ouvir dizer ao seu Luisinho que os medos lhe vêm dos livros.

Vê-se, portanto, que se reveste do invólucro do medo a investidura científica, pois sem as conselhas do estudo não se alcança o diploma; e, depois, quão dilatados medos de diferentes cores se não têm de transpor entre o marinho das ambições!...

2 Os algárvios acarretam com a balda de profícos palardores em courelas mendigas de tri-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## QUADRA

MAIS VALE VIVER CONTENTE DO QUE TRISTE MORRER COM O PENSAR PERMANENTE QUE A VIDA SO FAZ SOFRER

D. R.



Um aspecto da encantadora Lagoa das Furnas, vendo-se ao fundo a Ermita

## © VALE DAS FURNAS DA ILHA DE S. MIGUEL

FURNAS. Paraíso terrestre. Lugar de sol, de sonho, de poesia, de Luz e cor. Vale edénico, de belezas deslumbrantes, encantadoras, circundado por picos cobertos de árvores, verde-

jantes frondosas; lugar aprazível e pitoresco das crianças que correm, saltam, com sorrisos cor-de-rosa nos lábios, um Mundo de sonhos nos olhos azuis e flo-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

20 JUL. 1958

# Notícias PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Seguiu há dias para os Estados Unidos da América, onde foi especializar-se em cirúrgica, tendo fixado residência em New York, o nosso estimado amigo e confratão sr. Dr. Diamantino Duarte Baltazar, distinto médico, que já exercia clínica em Lisboa.

Encontra-se nas Caldas de Monchique na sua habitual cura de águas, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. João Pereira de Oliveira, piloto-Mór do Rio e Barra do Guadiana.

Acompanhado de sua esposa e sr. D. Eurídice Rosa Messias e de seu filho Toi, encontra-se nesta vila a passar a época balnear o nosso prezado amigo sr. Manuel Messias, importante proprietário em Almodovar.

Em Beja, na casa de seu filho sr. António Maria da Cruz Martins, encontra-se incomodado de saúde o nosso prezado amigo e assinante sr. António Cruz Martins.

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se em Monte Gordo a passar a época calmosa o nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Dias Cavaco.

Encontra-se em Monte Gordo, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. José Afonso Gomes, médico Municipal em Castro Marim.

A passar a época balnear encontra-se em Monte Gordo, a nossa prezada assinante em Faro, sr.ª D. Maria José de Sousa.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. João Rodrigues Martins da Silva.

A passar as férias encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, acompanhado de seu esposo e nosso prezado assinante, a sr.ª D. Amélia Garcia de Carvalho.

## Agradecimento

Diamantino M. Baltazar, vem por este meio, por não o poder fazer pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde durante a sua doença, e para as quais vai a sua gratidão.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarlo nesta Vila: **MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 13 —

# CONTA GOTAS PARA QUANDO O NOVO MERCADO DE VILA NOVA DE CACELA?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

aprendeu nas escolas, mas não lhe parece que nas escolas se aprenda alguma coisa que traga praxetto. Por exemplo a sua filha Rosalina. Fez a quarta classe e ficou tão estúpida como antes, ou ainda mais. Claro, não desfazendo...

E outras coisas assim. A M. da G. rem uma loja ali para os lados da Amadora. Já me convidou para lá dar uma saltada, agora que mandara fazer prateleiras novas, aquilo está mesmo coisa «bairrista»... O homem dela, que é carpinteiro, foi quem magicou as prateleiras. E o seu rapaz, o Zeca, também dera uma mãozinha, que não é só pat e o resto nada!

Mesmo a propósito do Zeca é que ela lá ia. No ano passado, o rapaziño andava muito assarapantado na matemática nos preparatórios do Comércio. Bem lhe fiz ver que não percebia nada daquelas coisas, que já esquecera tudo... E ela, sabida, que sabia eu mais sem falar que os outros de boca aberta... Tive pena do rapaziño, encolhido a um canto, de cabeça baixa.

Como de facto, tive de rever uma data de coisas. Bem, o rapaziño ficou. Ficou especialmente meu amigo. Sabem, destes olhos que se iluminam quando nos vêm...

— Deixe lá. Hei-de trazer-lhe uma prenda... — afiançava a M. da G. sem querer saber dos meus olhos recriminativos.

Esteve aqui em casa, na outra semana. E trouxe a prenda. Uma galinha pedrês, nova e mansinha, a começar a pôr.

Esta bela palavra: Amizade

Eu sem saber que fazer ao bicho. Mata-se hoje, mata-se amanhã. Não, mata-se quando fomos às Caldas. Mas a pedrês adoeceu. Estranhou a mudança, parece que foi assim. A execução ficou adiada. Entretanto, o bichinho começa a entrar pela cozinha. A fazer companhia. A dar sinal quando me via. Protestos, que a galinha suja, que é anti-higiênico, que propaga estas e aquelas doenças... Que matar e quanto antes. Mas a galinha mansarrona e cuscuvilheta a dar fé da minha entrada, a cacarejar com desaguetada ternura... Dizem que sonho, que invento coisas. Que assim como vejo coisas acertadas no fraseado da M. da G. também quero distinguir milagres numa pobre galinha de capoeira. Não me convenço. E não deixo que a matem. Até ver, porém, desisti de comer carne de galinha. Tenho-me lembrado muito do Velho e do seu galo lutador, do escritor americano Erskine Caldwell. Tanto que me soldatizei com ele, recordo-me bem...

Lembram-se de lhes ter falado aqui de Espartaco? Os contratadores de lutas esforçavam-se por impedir que os escravos crassem laços de amizade entre si. Sabiam que, se isso acontecesse, os gladiadores não mais poderiam combater, pois é impossível ferir de morte os amigos, os que apertamos ao peito. A Amizade é o refúgio sagrado, como os tempos da Idade Média. E goza dessa mesma prerrogativa quer em relação a seres humanos quer a outros animais.

E' claro que em relação a uma simples galinha pedrês há sérias restrições. Bastava talvez que a fome me apertasse um bocadinho... digo eu a atazanar-me. Talvez. Mas só o pensar nisso me dói.

Esta bela palavra: Amizade

Vem de longa data a minha Campanha em prol desta pobre terra — a terra de meus filhos e onde constitui o meu lar — terra onde vivi os melhores tempos da minha mocidade (pois foram somente 30 anos!).

Nessa Campanha levada a efeito (primeiramente nas colunas de «Ecos do Sul», bastião sotaventino que se publicou em Vila Real de Santo António para, depois, mais assiduamente, defender o direito das suas aspirações no «Povo Algarvio», da nobre cidade de Tavira; pondo sempre, nessa titânica e árdua batalha, o melhor do meu vigor e entusiasmo. Mas sempre compreendido pelas edificações que passaram pelo edifício da Praça do Marquês de Pombal. E, a propósito, quero render, mais uma vez, o preito das minhas homenagens aos homens de boa vontade, que, prestando justiça aos meus clamores em prol de Causa tão justa como era a desta infeliz terra, se associaram à razão que me assistia na defesa das pretensões dos cacelenses, promovendo a realização de alguns melhoramentos em que fizemos «inca-pés».

Se Cacula hoje tem iluminação a petróleo, agradeço-o ao belo espírito compreensivo do nosso muito amigo José Rodrigues Marques, quando, interinamente, assumiu o comando da administração municipal, (isto por 1937); depois levantámos a questão do Mercado (que tem uma história, e daquelas muito interessantes e movimentadas), problema que a vereação da presidência do nosso, também, muito amigo, Sr. José Victor Adragão, solucionou — embora a título provisório — instalando o mercado (ao tempo em velhos e imundos tabuleiros, na via pública) num armazem, onde ainda se encontra, o chamado Mercado 1.º de Dezembro, sito na Venda Nova.

Mais tarde, a edildade da presidência da prestigiosa figura de

Esta bela palavra: Amizade

contram as escolas e mais tarde a sua nova Igreja); melhoramentos estes que se ficaram a dever a algumas vereações de homens de boa vontade, em especial, aos espíritos compreensivos e dinâmicos de Matias Gomes Sanches e José Victor Adragão, por diversas vezes, presidiram aos destinos do concelho em que esta freguesia está integrada.

Mas, além daqueles, outros há — melhoramentos esses que se colocam em lugar primário, no presente momento — que carecem de solução. São eles: a construção do Novo Mercado e a reparação e alcatroamento da estrada da Venda Nova-Manta Rota. Estes melhoramentos impõem-se.

Vila Nova de Cacula, terra rica de belezas, dum clima admirável, com uma bela praia — a sua Manta Rota —; terra com um forte agregado populacional, é merecedora que a coloquem a par de outras congêneres de menos densidade populacional.

Possue ela uma modesta casa de espectáculos, uma Fábrica de Moagens; serralharias de carpintaria-mecânicas; importante centro exportador de frutos verdes e secos — que vão a muitas centenas de toneladas —; uma esplêndida estância de veraneio (a praia mais antiga do concelho); bastantes comércio, e lagares hidráulicos que exploram a indústria do fabrico de azeite, bem como outras indústrias mais modestas, demonstrando de forma clara e inequívoca, a sua laboriosa actividade para a conquista do lugar a que tem direito.

Esta bela palavra: Amizade

Esperançado que no próximo ano seria definitivamente dada essa justa satisfação ao povo cacelense, também o ano de 1957 nada trouxe de positivo. Continuava-se no provisório-definitivo: «no armazém da Venda Nova».

Em meados do ano que decorreu, neste conturbado 1958, leio num jornal diário, o Plano das Actividades da Câmara da presidência do Sr. Matias Barroso Gomes Sanches, novamente incluído a construção do Mercado de Cacula (repare-se que já teve verba destinada: 20.000\$000).

Será desta vez que se quebrará o enguiço?

Aguardamos — pois não há duas sem três — porque confiamos na boa vontade dos homens que se encontram à frente dos destinos do concelho pomballino, sobretudo, do desempeirado e jovem espírito do seu Presidente, figura que sabemos ser possuidor de qualidades de grande empreendedor e que deseja ver o seu concelho valorizado com melhoramentos que o imponham aos olhos dos seus munícipes, estejam eles onde estiverem e, porque, fazendo-o, segue na esteira de seu pai, que foi — sem dúvida alguma — um Grande Presidente de Câmara e um espírito que sempre abraçou as pretensões da única freguesia rural do seu concelho.

Que a construção do Novo Mercado de Cacula não se faça demorar, são estes os desejos de uma população que, sempre tem dado provas de civismo e lealdade ao Regime.

Que não se protele mais este problema, presentemente, o n.º 1, da antiga cidade de D. Paio Peres Correia.

Estimaria não ter que voltar ao assunto. Tem a palavra a edildade de vilarealense!

Esta bela palavra: Amizade

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Mas... esse sempre inigmático Mas... que é o Novo Mercado, problema que se arrasta desde há uma boa vintena de anos e que nos fez exultar de contentamento em 1955 (e não era motivo para menos) ao verificarmos que no Plano de Actividades da Câmara estava prevista a construção do novo edifício para o Mercado que Cacula ambicionava. Mas esse nosso entusiasmo foi sol de pouca duração. Passou o ano de 1955 e nada se verificou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

Surge o novo ano de actividades camarárias — 1956-1957 — e voltamos a ver novamente, entre outros melhoramentos para Cacula, o decantado Mercado incluído nas muitas realizações concelhias. Mas tal aspiração não se concretizou.

## ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Do Pessoal da Delegação, em Lisboa

### DO «DIÁRIO DO ALENTEJO»

Lisboa, 17 — A fim de comemorar o 26.º aniversário de publicação do «Diário do Alentejo», importante vespertino que se publica em Beja, o chefe de delegação do referido jornal em Lisboa, sr. José Gonçalves Rodrigues, fez reunir num almoço no Restaurante Floresta, no Ginjal, o pessoal que trabalha naquela delegação, repasto que decorreu na mais sã camaradagem e durante o qual se fizeram votos de prosperidades a todos quantos trabalham na continuidade do «Diário do Alentejo». c.

## Herniados

«BRAUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS, «BRAUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

## Surdos

Novos Modelos de aparelhos, novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS Largo do Mastro, 29 - LISBOA

## CINE-FOZ

Hoje, apresenta o grandioso filme americano FLAMENCA, com Carmen Sevilla e Richard Kiley. Uma história romântica, violenta, apaixonante.

Terça-feira, o excelente filme português A CANÇÃO DA TERRA.

Quinta-feira, em Superscope ESTRADAS DO INFERNO, com John Wayne Janet Leigh.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António De 10 a 16 de Julho:

#### TRAINEIRAS

Maria Rosa	163.795\$00
Sul	158.240\$00
Infante	134.135\$00
Conceição	111.410\$00
Restauração	88.510\$00
Brisa	85.090\$00
Liberta	82.653\$00
Janita	68.610\$00
Amazona	68.445\$00
Sr.ª da Encarnação	57.610\$00
Novo Machado	57.610\$00
Agadão	52.880\$00
Clarinha	52.870\$00
Alecrim	51.030\$00
Tóluís	50.795\$00
Raulito	48.910\$00
Flor do Sul	36.700\$00
Flor do Guadiana	33.200\$00
Tozé	32.290\$00
Audaz	23.860\$00
Luís Fernando	20.160\$00
Estrela do Sul	16.820\$00
Triunfante	16.560\$00
Pérola do Guadiana	10.610\$00
Refrega	9.435\$00
La Rose	5.950\$00
Deus te guarde	5.945\$00
Leste	3.850\$00
Noroeste	3.380\$00
Satúrnia	2.950\$00
Vulcão	2.660\$00
Farihão	2.370\$00
Sr.ª do Altar	2.080\$00
Tufão	1.580\$00
Briosa	1.565\$00
Norte	1.560\$00
Arrifana	380\$00
Total	1 567.075\$00

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 19 a 25 de Julho a Farmácia, SILVA, Rua Miguel Bombarda, — Telefone 64.

### ACTOR DE CINEMA

#### ROD CAMERON

De visita pelo nosso País e vindo da Praia da Rocha, esteve nesta vila e na estância balnear de Monte Gordo, para a qual teve palavras de elogio, o conhecido actor americano, de cinema Rod Cameron.

### «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LEIRIA na Papelaria VITAL

## GRUPOS DE REGA MOTORES

das marcas  
**GLYTON  
LISTER  
KOLLER  
VILBIERS  
WISCONSIN**

**BUCK  
BOLINDERS  
GATERPIBLAR  
LISTER**

Antes de comprar consulte a **AGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Telefone 76

## OVA DE ATUM PRENSADA

PEDIDOS À:  
**SOC. DE REPRES. INDUSTRIAIS «SOTALGARVE», L.ª**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## RÁDIOS E TELEVISORES NORDMEND

### MODELOS - 1959

Produzidos pela maior Fábrica de Rádios e Televisores da Alemanha O máximo de Técnica, Formato e Som. Antes de comprar um destes aparelhos consulte o Agente nesta localidade **M. Salvador Vaz Palma**  
Av. da República, 65 - Telef. 76  
Vila Real de Santo António

## VENDA DE UMA TRAIINEIRA A MOTOR

Vende-se uma Traineira a Motor com as seguintes características:

Comprimento	19,24 metros
Boca	4,61 »
Pontal	2,25 »
Tonelagem	43,91 Ton.

Esta Traineira pode ser vista pois encontra-se na Safra de Pesca ao sul de Portugal.

Tem 45 cabos de rede — sonda eléctrica K. & H. e Rádio Emissor Robertson R Sender Audíola. Tudo novo. Preço em conta

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 20

## BARCO DE PESCA OU ENVIADA

Vende-se com 11 metros motor «LISTER» de 30 HP, sacada e Faróis. TUDO EM ESTADO NOVO

Trata: **A. SIMÕES**  
Rua 18 de Junho, 243 B  
Tel. 348 **OLHÃO**

## ENVIADA A MOTOR

Vende-se uma Enviada a Motor **Barco e Motor novos**  
**BAUDOUIN de 70 H. P. (Motor Novo)**  
600 R. P. M.  
**PREÇO EM CONTA**  
**RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 36**

# A EXPANSÃO DAS PESCAS JAPONESAS NO MUNDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mais ou menos por toda a parte.

Uma nova conquista destes pescadores estratégicos é a ilha de Cuba, que assinou um contrato com a Nippon Reizo, uma das maiores sociedades nipónicas de pesca e refrigeração. Esta sociedade também já se estabeleceu nos Estados Unidos, em Boston, onde tem uma filial.

Tratar-se-á de um contrato de um ano, durante o qual os nipões praticarão a pesca do atum, levando nos seus barcos observadores cubanos. Se se verificar que a pesca é comercialmente possível, os japoneses treinarão equipagens cubanas. As capturas não entrarão em concorrência com as da frota cubana, a menos que a industria de conservas daquele país o solicite. O atum será congelado e destinado à exportação.

O contrato estipula ainda a instalação de uma grande fábrica frigorífica, a construir provavelmente em Cienfuegos.

O objectivo seria vender o atum a Porto Rico e talvez aos Estados Unidos.

Igualmente no Brasil, esta companhia tem demonstrado bastante actividade, pondo ao serviço do mercado de S. Paulo, seis barcos de pesca que actuam ao largo da cidade de Santos. Este facto suscitou um

movimento antijaponês nos meios piscatórios do Brasil. O Sindicato dos Armadores da Pesca do Rio de Janeiro, solicitou ao Supremo Tribunal Federal para se pronunciar contra as actividades japonesas. Aquele tribunal abriu um inquérito, mas o Governo resolveu contrariamente, por considerar que o aumento da produção de peixe é uma necessidade para a economia brasileira, concedendo aos japoneses licenças provisórias.

Segundo o jornal brasileiro «Folha da Manhã», os japoneses de Santos vendem diariamente 40 toneladas de peixe no mercado de S. Paulo, o que é muito para uma frota de seis barcos, mas pouco para uma cidade com 3 milhões de habitantes, que poderia consumir 200 toneladas de peixe por dia se este fosse vendido a preços razoáveis.

## DINHEIRO

Empresta-se qualquer quantia s/ hipoteca a 6% longo prazo.

M. Palma & Silva, L. da

R. S. Nicolau, 59-2.º

LISBOA

Telefone 566768



## «A JOANINHA»

Eu tenho um vizinho que comprou uma «Joaninha». Bom, eu chamo «Joaninha» a um automóvel económico, daqueles que gastam 4 litros aos 100 quilómetros, e positivamente, os que têm mais probabilidades de ocuparem 70 cm. do espaço que os outros deixam disponível.

Pois bem, esse meu vizinho, embora pareça estranho, comprou o carro há muito tempo, mas não o utiliza. Não sei se me compreendem: o carro foi comprado sob aquelas prestações mensais, prestações, aliás, muito suaves, e com o certificado de garantia, mas o meu amigo Saraiva (assim se chama o homem), tem-no arrumado à porta da sua residência. Diz ele que o carro é bom, tem um óptimo motor e uma carroceria impecável, mas não o quer estafar, porque a «sua» Joaninha tem de ser muito vigiada.

Ora acontece que, pelas 8 horas da manhã, o meu amigo Saraiva sai de casa, ainda ensonado e balbuciando palavras que não vêm no dicionário, e de pano em riste se dispõe a limpar o seu «carro». Limpa-o, desde o tubo de escape até ao limpa-vidros, e acabou tão ingloria tarefa, pôs-se a mirar a silhueta do carro que lhe custou alguns escudos e sobre o qual já se levantaram polémicas (estas no que respeita aos gastos mensais), cuja orientadora de tão revolucionária acção é a sua própria mulher.

Diz a mulher do meu amigo Saraiva que, para ter um automóvel encostado ao passeio dias e semanas e até meses, é melhor não ter automóvel. Esta doutrina tem a sua teoria. E nós, os que o criticamos, damos razão à mulher. Ter-se um carro, a carta de con-

dução e o livrete no bolso, e não utilizar o veículo, seria melhor ter o dinheiro no Montepio.

Mas, todavia, o Saraiva não dá ouvidos ao que redopia em seu redor, e vai continuando a limpeza semanal ou domingueira—afirma ele pela alminha de sua santa mãe, que o automóvel não se fez para palmilhar quilómetros, mas para permutar aquela sua amizade com que os humanos costumam fraternizar-se. E, assim, a «Joaninha» é série 10, cuja garagem é a das estrelas, continua impávida e indiferente na sua carcassa carcomida pelas noites quase inverniais por que passou, enquanto o seu dono, o Saraiva, berra aos sete ventos que tem carro, sim senhor, carta de condução e livrete, é verdade, mas que não está para dar cabo do seu automóvel, conduzindo-o diariamente.

Além disso há a infinidade de desastres que sarapintam as páginas dos matutinos, arrepiam os leitores e dão cabo dos nervos aos que os lêem. Não; a sua «Joaninha» não foi comprada para ser atirada brutalmente para a bermada da estrada. A sua «Joaninha» é totalmente diferente das que andam para aí, em loucas velocidades a contar com a companhia de seguros. A «sua», não tem seguro. O seguro morreu de velho, mas o povo também se engana. E o Saraiva, carácter pessoal sem influências, diz que o melhor seguro é transitar a 20 Km. horários.

E porque se há-de carregar no acelerador e forçar o pontoeiro a ultrapassar os 80 ou os 90? Não. O Saraiva sabe o que faz. Conduz o seu carro, de quinze em quinze dias, de mês a mês, mas sabe o que faz.

Há dias foi passear até ao panorama realista que se chama Sintra; levou a mulher e a sobrinha. No regresso, porque deliberou tomar a estrada marginal, quiz «experimentar» o seu carro. E carregou no acelerador, como se calcasse um banana topada pela ponta do sapato. Olhou e remirou o mostrador da quilómetros: 60, 70, 80, e 90.

A experiência, tal como as experiências nucleares, resultara: o seu carro «aguentava» um bom, mu excepcional andamento. E porque seria? Ora, pelo descanso quase centenário, na bermada do passeio, pois claro!

Mas a autoridade, estava lá. Ao fundo da estrada, encoberta por arbustos altaneiros, fumando um cigarrinho aromático, ela estava vigilante. E, tocado o apito estridente, mandou-o parar.

Porque «ia experimentar o carro», dizia o Saraiva, «porque excedia o andamento usual», afirmava a autoridade, e a polémica tomou volume, engrossou, e deitou por fora. Até que o Saraiva, espumando de raiva e deitando os olhos meio palmo fora da cara, quase gritou:

— Mas... o sr. sabe com quem está a falar?

A autoridade pôs-se em sentido, disse que não sabia, pediu a identificação do Saraiva, enquanto este retomava o volante da sua «Joaninha».

— O sr. sabe com quem está a falar?

De novo a autoridade reafirmou que não sabia, que lhe desculpas-se, mas que seria conveniente identificar-se. E foi então que o Saraiva, ligando o motor e «metendo» a primeira mudança quase a martelo, lhe gritou:

— O sr. está a falar com um Cidadão Português!!! — e desapareceu na primeira curva.

O meu amigo Saraiva, teve razão: ele é bem um autêntico cidadão português, daqueles que têm automóvel só para os outros verem; dos que saem quizenal ou mensalmente, mas têm automóvel. E, hoje em dia, o que importa... é ter-se um volante, quatro rodas, quatro assentos, isto é, um automóvel!

Emílio Valongo

## VENDE-SE

Pela melhor oferta uma morada de casas com 5 divisões e quintal, situada nos arrabaldes lado Norte desta vila.

Reserva-se o direito de entrega não convindo as ofertas.

Informa: APARTADO N.º 2 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# A MORTE DA ESPOSA DO CHEFE DO ESTADO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

loto-aviador Francisco Higino Craveiro Lopes e com ele se consorciou, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, de Lourenço Marques (já desaparecida), em 28 de Novembro de 1918, e depois do ilustre oficial, por actos de bravura em campanha, haver ganhado a medalha de Valor Militar, a Cruz de Guerra e o Colar da Torre e Espada.

Não mais a Senhora Dona Berta Craveiro Lopes deixou de acompanhar seu esposo na sua vida de oficial aviador.

Com ele esteve no Estado da Índia em Goa e Damão. Depois na Metrópole, continuou a firmar as suas brilhantes qualidades morais e intelectuais, nomeadamente, durante o período em que seu marido exerceu as funções de Presidente da Câmara Municipal de Sintra.

Impondo-se sempre pela sua bondade, inteligência e natural

## Carreiras de Autocarros entre

### VILA REAL E MONTE GORDO

Iniciam-se hoje as carreiras directas de camionetas entre esta vila e Monte Gordo, sendo o horário o seguinte:

Partidas de Vila Real — 8,20 9,00 10,00 12,15 13,15 18,15 19,15 21,30 22,30 (º) 1,00 (º).

Partidas de Monte Gordo — 8,50 9,15 10,50 12,45 15,45 18,45 20,50 22,00 (º) 00,00 2,15 (º).

(º) — Só se efectua às Quintas-feiras, Sábados e Domingos de 10 de Agosto a 20 de Setembro.

Horários suplementares aos Domingos.

Partidas de Vila Real — 10,50 11,00.

Partidas de Monte Gordo — 15,20 14,00 18,50 19,50 20,00.

## SAHARA



A LÁMINA ALEMÃ QUE LHE PROPORCIONA UMA BARBA BEM FEITA, DE CORTE SUAVE E AGRADÁVEL E LHE OFERCE NOTAS DE 50000 100000 500000 E 200000 SE ENCONTRAR A SENHA SAHARA TROQUE-A PELO PRÉMIO CORRESPONDENTE



## SAHARA

Agente Distrital:

José Dias Costa Júnior

TELEFONE 307

Rua Abolm Ascensão, 33 — FARO

## GAMEIRO, L.º

COMPRA E VENDE PROPRIEDADES

HIPOTECAS

Av. da Liberdade, 144-2.º

Tel. 866031 LISBOA

## PARA MOTORES A GASOLINA E A GASOIL



NÃO GASTA OLEO, ECONOMIZA COMBUSTIVEL, DÁ MAIOR RENDIMENTO PORQUE LIBERTA TODA A FORÇA DO MOTOR, MANTENDO-O LIMPO.

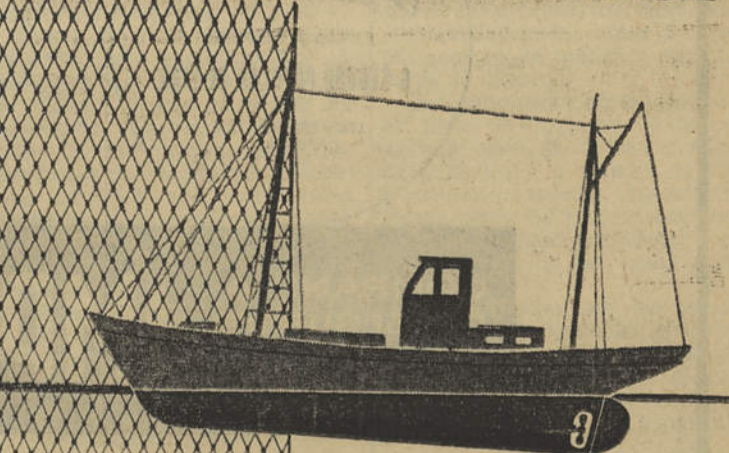
Únicos Importadores: A. CONTRERAS, LTD.ª

Rua Rodrigues Sampaio, 142 a 150

Sub-Agente no Norte: Electro Central Vulcanizadora, Ltd.ª

Praça D. João I, 28 — PORTO

## motores marítimos diesel



## MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

OM 856 ..... 34 H.P. — 3.000 R.P.M.  
202 B ..... 55 H.P. — 1.200 R.P.M.  
203 B ..... 90 H.P. — 1.200 R.P.M.  
204 B ..... 120 H.P. — 1.200 R.P.M.  
MB 846 ..... 225 H.P. — 1.500 R.P.M.



REPRESENTANTES C. SANTOS LDA. LISBOA — COIMBRA — PORTO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

HÁ duas coisas às quais é preciso que o homem se habitue, sob pena de tornar a vida insuportável: são as injurias do tempo e as injustiças dos homens.

Chamfort.

**A** PREOCUPAÇÃO de emagrecer é das coisas que não deve levar a leitora ao extremo dos perigosos exageros. Lembra-se de que o metabolismo faz pagar caro muitas irregularidades. Haja em vista o que sucede com a grande cantora Maria Callas que por ter emagrecido 44 quilos — ou seja, de 112 para 68 —, arranhou uma doença nervosa que explica muitas das suas originalidades...

**D**IZIA o Conde de Vimioso, que quem perdia a honra pelo negócio, perdia o negócio e a honra.

— Alugo-lhe esta casa por mil escudos por mês...  
— E onde está o curral?  
— Que curral?  
— Para meter o burro que pague esse aluguel!

**D**EPOIS dum passeio, de automóvel ou mesmo a pé, deveis lavar muito bem os olhos, para os livrar do pó, que a deslocação do ar origina.

**A** PERDA de duas noites consecutivas de sono dá uma tensão nervosa ao corpo humano de que se leva quinze dias a restabelecer.

— Ah! minha querida! Nada mais desejo que agradar-te. Por ti, far-me-ei poeta, músico, pintor, actor; o que tu quizeres:  
— Ela: — O melhor seria que te fizesses milionário...

**A** PELE do elefante é extremamente sensível, apesar da sua grande espessura.

Quando não há em casa nenhuma graxa, o sumo de limão serve perfeitamente para a substituir. Umhas gotas, esfregadas em calçado preto ou de cor, dá-lhe um polimento brilhante.

Baixos espíritos nunca acreditam em grandes homens.

Disse um pensador anónimo: «Hoje em dia é mais fácil achar-se uma agulha num palheiro do que na mão de uma mulher».

## DOSTOIEVSKY E O OPTIMISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

duo é, realmente, fora do seu condicionalismo transitório.

Na obra de Dostoiévsky os factos exteriores são de somenos importância. O que importa não é aquilo que se passa (passar no sentido do decorrer temporal) mas aquilo que permanece e que o tempo não atinge nem corroi. Aí é que está o segredo — um segredo que pode ser revelado a toda a gente mas que continua misterioso na sua essência. E' por isso que os escritores que seguem submissamente a moda do seu tempo esquecem tão depressa. E' por isso também que a literatura de escola em que tantos gostam de enquadrar-se, apressadamente, tem sempre uma acção localizadora e mesquinha. Para responder a um reparo que ninguém fará (aliás os únicos a que vale a pena responder) é necessário admitir, também, que Dostoiévsky pensou ter contemporizado com a moda do seu tempo e que foi realista e naturalista tanto quanto a sua maneira de ser e a sua atitude interior lho permitiram, sem, contudo, sacrificar a verdadeira posição dos seus personagens a um realismo falso.

Também Zola, chefe de escola, prosélito apaixonado de uma doutrina, continuará intacto na memória literária dos homens pelo que dele se salvou da sua atitude voluntária. Só foi, de facto, — como a tantos acontece — naquilo que, possivelmente, não quis ser. Não é o Zola que força os seus personagens a seguir os ditames de leis hereditárias que hoje se reconhece serem inexactas e falíveis, nem o fotógrafo minucioso das aparências extrínsecas que nos continua a interessar.

O grande Zola é, hoje, para nós, como continuará a sê-lo, pelos séculos fora, o panteísta inspirado do «Paradiso», o poeta épico de «A Derrocada» e o suave idealista de «O Sonho». Só isso resistiu e resistirá ao tempo. E resistiu na medida em que os personagens, que viveram o drama humano destes livros, pareceram aos homens da sua época fora da realidade, isto é, fora do comensinho e do habitual. O que por virtude dos prejuizos de escola sucede apenas a alguns personagens de Zola, acontece — e felizmente para a projecção universal e intemporal da sua obra — a quase todos os personagens de Dostoiévsky. Foram eles que primeiro revelaram aos espíritos ansiosos uma parte do mistério da criação literária, eles que deram a conhecer a razão do interesse que a chamada obra de ficção provoca e provocará no espírito dos homens. E não há nisto a mais pequena injustiça para com a realidade nem qualquer desprezo pela verdade. Pelo contrário: é a ânsia de conhecer e de saber, sem peias nem preconceitos, sem juizos anteriores prevalecentes, que motiva esse interesse.

Os homens, tal como os vemos, tal como os julgamos e interpretamos na nossa observação cotidiana, são menos verdadeiros do que os personagens dos romances. Na sua conduta aparente e revelada os homens são apenas aquilo que *podem ser*, aquilo que os *deixam ser*, o que *sabem ser* e nunca aquilo que *são*. E mesmo quando se confessam sinceramente, pouco ou nada adiantam porque dizem somente o que sabem a respeito de si próprios, que é pouco.

Quando o homem forçado pelo condicionalismo moral ou social a que se submete, se manifesta como aquilo a que, habitualmente, se chama um homem honesto, oculta logo dos outros, e de si principalmente, a parte mais importante do seu ser real. E se o tornarem como ele o pretende e os outros o desejam, teremos uma imagem falsa da realidade, mas que nem por isso deixa de ser a imagem virtual da própria vida tal como superficialmente se revela. Se por deficiência moral ou irredutibilidade e inadaptabilidade

social o mesmo homem se apresenta como um ser desonesto, também esta não pode ser considerada a sua fisionomia autêntica, porque por trás dela fica uma infinita possibilidade de actos generosos e de atitudes altruístas (de actos honestos no mais amplo sentido) que controvertem este julgamento peremptório.

Se o escritor é um espírito livreto, se não adopta uma atitude dogmática, isto é, *se não quer provar e demonstrar* (o que é desde logo incorrer em falsidade e erro), então a sua obra apresentará a realidade profunda que a vida nega ao observador superficial. Os seus personagens, tais como os de Dostoiévsky, podem ser obscuros e contraditórios na aparência; a sua atitude, porém, porque não é forçada a um condicionalismo de que o seu criador os preserva, será a atitude humana autêntica onde os leitores ansiosos e interessados procurarão ver reflectida a sua verdadeira imagem.

Mas não é a revelação do homem interior, com o complicado mecanismo das suas contraditórias e misteriosas reacções, aquilo que cada um é, por si, que marca a característica fundamental de Dostoiévsky. Isso de forma alguma explicaria o interesse social da sua obra e reduzi-la-ia às proporções do romance psicológico em que foram mestres Stendhal e Proust. O que nela há de fundamental e de original é a aceitação pelo homem do seu destino, mesmo através de todas as suas revoltas, a sua piedade sem medida que atinge ao mesmo tempo os bons e os maus, a revelação concreta da reversibilidade dos sentimentos que abre as portas de um novo universo moral, aquilo que se pode chamar a reconciliação do homem consigo mesmo. Ricos e pobres, assassinos e ladrões, virgens e prostitutas, príncipes e camponeses, todos se identificam em face do mistério da vida, todos fazem parte da mesma humanidade transcendente. E isso concede ao homem uma dignidade que se traduz pela sua evasão definitiva do reino animal. Com tudo o que tem de sombrio, de trágico, de profundamente dramático, a obra de Dostoiévsky é por isso essencialmente optimista. E' nesse sentido que empregamos acima a palavra reconciliação. E o homem reconcilia-se porque sabe que seja qual for o seu destino, por mais cruéis que sejam as fatalidades que este lhe reserva, nunca se sentirá inteiramente perdido. Por maiores que sejam as suas mágoas há sempre uma alegria suspensa sobre ele. Por maiores que sejam as suas torpezas há sempre um instinto de purificação que os corrige e absolve. Poderá objectar-se que esta ideia é injustificável em face do que lhe pode acontecer, e, de facto, lhe acontece através de toda a obra do grande romancista. Desgraças e misérias, abjecções e degradações, lutas e trabalhos como pão nosso de cada dia, nada disso serve para contrariar o o nosso asserto. O que importa é a sua capacidade de transformação e de exaltação. Porque se transforma, porque é sempre capaz de se exaltar, mesmo quando a vida o fere e humilha, o homem pode sempre conservar uma esperança.

E isto, que é assim, o homem não o sabia. Até Dostoiévsky ninguém lho tinha dito...

Domingo Monteiro

Visado pela Comissão de Censura

**PESCA DO ATUM NO ALGARVE**

Durante a época de direito foram os seguintes resultados, obtidos pelas quatro armações lançadas nas costas de Tavira:

Armação Abobora, 538 atuns, 98 aturros, 18 albacoras 44 cachorretas e 6.106 diversos, na importância de 426.477\$00.
Armação do Livramento, 252 atuns, 109 aturros, 23 albacoras, 36 cachorretas, e 3.814 diversos, 341.374\$00.
Armação do Medo das Cescas, 427 atuns, 145 aturros, 20 albacoras e 18 cachorretas, 489.226\$20.
Armação do Barril, 244 atuns 92 aturros e 10 albacoras, 311.519\$70.

Totais, 1.261 atuns, 344 aturros, 71 albacoras, 98 cachorretas, e 10.000 diversos, no valor de escudos 800.545\$90.

## A Cor e o Tamanho do Medo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

go e por onde Nosso Senhor passou as passas do Algarve.

Tanto que pusemos aqui os pés, a muito custo se conseguiu que o caixeiro elucidasse do que pretendíamos saber, mas, em voz tão sumida, que a instâncias explicou que os algarvios falavam pouco e não eram moucos.

E não houve jeitos de se arrancar uma palavra ao engraxador dos sapatos, que só ao cabo do trabalho esclareceu que lhe haviam cortado o umbigo por aquelas paragens.

Se nas barbearias não se tuge nem muge, a mudez impõe-se ao mais contumaz tagarela, percebendo-se a delicadeza de se não expor ao léu a cor do medo falando-se demais.

Teimava o solerte salão de o Algarve, haver-se por escasso de cereais, de modo que ninguém por lá trincava migalha de pão, ao que o algarvio contrapunha enumerando a riqueza de sua ridente provincia. E não insistia —, até que exclamou exagitado o algarvio:

— Então se houvera pão, não te haveria já dizido?!  
A chalaça não prova senão a abundância de trigo no Algarve; e, pelo que toca a Nosso Senhor ter padecido nestas terras, não consta que o Nazareno pregasse aos pescadores de Monte Gordo.

Tais anedotas hão-de se atribuir à velhacaria salaia, que amesquinha o que não corra de redor de Lisboa — dessas terras cascalheiras que brotam trigos e moçoilas, que se derretem no bailarico agarrado.

## O VALE DAS FURNAS DA ILHA DE S. MIGUEL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

res perfumadas nos cabelos revoltos.

Furnas, das ruas floridas, aromatizadas e coloridas; dos ninhos em flor e dos gorgeios dos passarinhos em revoadas, de árvore em árvore, de jardim em jardim.

Furnas, das Caldeiras fumegantes e da água em ebulição; do cheiro a enxofre e da água azeda. Furnas, da lagoa adormecida à sombra de montanhas, de águas límpidas e tentadoras dos batéis a bordejarem ao sabor do vento ameno.

Visto do miradouro do Pico do Ferro, daquela altura arripiante e extraordinária, o Vale, lá em baixo, no abismo, em que a mão divina o criou — parece um minuscúlo presepio, onde as casinhas brancas e coloridas dão-nos a ideia de borboletas poisadas em flores, ou repousando em tapetes de verdura.

O fumo que se evola das caldeiras, parece espirais de fumo dum cigarro inacabado; perdido entre samarias; e a extensa Lagoa, com a ermida lá ao fundo, um espelho onde o Sol reflecte os seus raios dourados e brinca com as suas águas, refulgindo as cristas das ondas, num vai-vém, lento e silencioso, embalado por vento fresco e suave.

De manhã à noite, o sol brinca por entre os ramos das árvores: sorrindo, esconde-se e mostra-se nos regatos do Parque, beija os nenúfares, acaricia os ganhos e brilha nas folhas dos inhamaís.

De manhã à noite, sol, luz, poesia e sonho. A canção de sempre. A canção que embala em notas melodiosas, as casas e as flores do Vale das Furnas.

Julho, 1958

Maria Leonilde

radas ao derriço com medo de ficar para tias.

**3** Nos sobressaltos instintivos que nos amarfanham a alma, conta-se o horror das responsabilidades, temor que tem atravessado todos os tempos.

E por que bulas alguns homens célebres não simpatisavam com o número 13?

Acabrunhado por esses dois algarismos, que no decorrer da vida lhe assinalaram infortúnios, Vitor Hugo pertencia à pleiade dos medrosos ilustres.

Distinta senhora de Paris convidou para ceiar escritores e conselheiros de Estado; e, no momento prescrito, o presidente do Senado indagou da dona da casa o motivo da tardança no repasto.

Havia-se escusado à última hora o Ministro da Justiça e um dos convidados não ia para a mesa com doze pessoas. Chegado, afinal, o décimo quarto personagem, o presidente escolheu a cadeira contigua à do autor dos *Miseráveis* e assim lhe disse:

— Não adivinhá, meu amigo, por que nos assentámos tão tarde à mesa. Imagine que há entre nós um parvo que tem medo de comer com treze convivas...

— E Vitor Hugo retorquiu:

— O parvo que o senhor cita sou eu. Mas do número fatídico estão livres os incréus, conquanto se lhes depare mais infestos medos, como os de aturarem os parentes, alguns dos quais encarnam os inimigos que a Natureza lhes oferece, além dos declarados adversários que acometem por faz e por nefas.

Entram na categoria dos medos atávicos os que nos atassalham sem dó nem piedade, por se vincarem como tormentas inerentes às inclemências inescrutáveis — e delas não há fugir, posto que se tente desviar o destino.

**4** Na Torre, levantou-se o edifício solarengo por cima do derradeiro aposento que dá para o vasto celeiro, em que na roda do dia gira a labuta dos campos.

Em virtude do adiantamento das ciências, as bruxas banqueteam-se agora em louvor do Porco Sujo às três horas; e, nesse instante, ouvem-se rumores no celeiro e acende-se a vela.

Tudo estava em seus lugares e nem sopro de vento atravessara o que lá se amontoava, mas houve que abrir a arca da farinha, que podia esconder um ladrãozinho de palmo e meio. Sabe-se lá de que artimanhas se serve o demónio!

Amesendada em sacos vazios, a gata amarela desterrava o bojo do mafarrico transvertido em gato preto, insuflando alento à coragem, inda que interina, de qualquer portuguêsinho valente.

Cá fora, a amplidão celeste cobria com seu manto esburacado de luzeiros os barros do monte. A intercadenças, o farol do Guadiana reflectia-se no copado do arvoredor próximo e mais ao perto tremeluziam os lampiões dos barcos piscatóricos da Manta Rota.

De repente, um canto estridulo invocava-nos o operoso algarvio que, para se erguer às quatro horas e meia, punha o galo à cabeceira da cama.

Daf a pouco, o sol bate nos poiais da Torre, de onde ninguém leva o que lá se deixa todas as noites; e a gata vem aquecer-se a ronronar, como se advertisse:

— No Algarve, não se encontram bruxas, diabos nem ladrões gongolando pelos caminhos; e aqui, como em toda a parte, o medo é da cor e do tamanho que se quer?

Torre dos Frades, Novembro de 1957.

José Estevam

## COMEMORAÇÕES

### HENRIQUINAS DE 1960

Sob a presidência do sr. dr. José Correia de Nascimento, presidente da Junta de Provincia do Algarve, novamente reuniu na «Casa do Algarve», em Lisboa, a delegação da provincia para as comemorações henriquinas, tendo comparecido os vogais srs. engenheiro Alberto Pessanha Viegas, dr. Fernandes Lopes, engenheiro José António Madeira, dr. José Formosinho, José Maria Estevão, dr. Mário Lyster Franco e major Mateus Moreno. Foi tomado conhecimento do expediente e concluído o projecto de programa das comemorações a realizar no Algarve.

## SEGURO POPULAR DE VIDA



50,00

POR MÊS GASTOS NUM

SEGURO POPULAR DE VIDA

DA COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

PERMITEM-LHE REALIZAR O SONHO DE FAZER ECONOMIAS

O casamento

É UNIÃO DE DUAS VIDAS

O SEGURO POPULAR DE VIDA

UNE A PREVIDÊNCIA A POUANÇA

COMPANHIA DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

# IMPÉRIO

Agente em Vila Real de Santo António:

**Aurélio de Brito Clemente**

Rua Jacinto José d'Andrade, 19

TELEFONE N.º 86